

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN
(PARTE 3 – CONCLUSÃO)

5 de setembro de 2025

The Assassination of Jesse James by the Coward Robert Ford / 2007

(O Assassínio de Jesse James Pelo Cobarde Robert Ford)

Um filme de ANDREW DOMINIK

Realização: Andrew Dominik / *Argumento:* Andrew Dominik, baseado num romance de Ron Hansen / *Direção de fotografia:* Roger Deakins / *Direção de Arte:* Troy Sizemore / *Cenários:* Janice Blackie-Goodine / *Guarda-roupa:* Patricia Norris / *Montagem:* Curtiss Clayton, Dylan Tichenor / *Música:* Nick Cave, Warren Ellis / *Interpretação:* Brad Pitt (Jesse James), Casey Affleck (Robert Ford), Sam Shepard (Frank James), Mary-Louise Parker (Zee James), Paul Schneider (Dick Liddil), Jeremy Renner (Wood Hite), Garret Dillahunt (Ed Miller), Zooey Deschanel (Dorothy Evans), Garret Dillahunt (Ed Miller), Michael Parks (Cap. Henry Craig), Ted Levine (James H. Timberlake), Alison Elliott (Martha Bolton), James Carville (Gov. Thomas Theodore Crittenden), Tom Aldredge (Maj. George Hite), Pat Healy (Wilbur Ford) e Sam Rockwell (Charlie Ford).

Produção: Brad Pitt, Dede Gardner, Ridley Scott, Jules Daly, David Valdes / *Produtoras:* Warner Bros., Plan B, Virtual Studios, Scott Free Productions / *Cópia:* 35mm, colorida, falada em inglês, e legendada em português / *Duração:* 159 minutos / *Estreia em Portugal:* 3 de janeiro de 2008 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

Robert Ford surge como um jovem de cara tão imberbe que nos perguntamos se saberá sequer usar uma arma. A sua inexperiência desencoraja que o levem a sério, mas tal carência é algo acerca do qual está bem consciente: a maneira como deseja provar as suas habilidades é feita com uma avidez que repele em vez de atrair. Robert *deseja* demasiado, tem imoderadas aspirações de grandeza, está excessivamente encantado com o mito de Jesse James; o que leva a que seja troçado por, precisamente, aqueles a quem quer agradar. Jesse James provoca os sentimentos contrários, a lenda já foi criada e quem o conhece de perto não consegue resistir à sua força gravitacional.

Andrew Dominik apresenta o pistoleiro do século XIX, considerado um dos melhores a brandir essa arma, através de um pequeno prólogo repleto de imagens sonhadoras da natureza e de uma narração palavrosa, com Jesse na vastidão do Oeste americano, na domesticidade do seu lar acompanhado da família, a deambular por cidades ainda na infância do seu desenvolvimento. O estilo deste momento introdutório (que recorda a fase mais tardia do cinema de Terrence Malick) será repetido noutros interlúdios como pontuação frequente do filme, definido pela mesma narração prolixia e por um pequeno truque mágico do diretor de fotografia deste filme, Roger Deakins – que conta com 16 nomeações para os Óscars, tendo recebido duas delas por dois filmes do mesmo ano de 2007, **The Assassination of Jesse James by the Coward Robert Ford** e **No Country for Old Men**, dos irmãos Coen, outro *western* contemporâneo programado neste mesmo ciclo. O gesto

prestidigitador é o efeito de bordas-do-ecrã desfocadas de modo a criar (através de uma combinação particular de lentes que apelidou de “Deakinizers”) a sensação de se estar a olhar para algo que poderia ter sido fotografado por uma câmara antiga; não pela nostalgia da coisa, disse Deakins em entrevistas, mas para que estes momentos de transição fossem evocativos de um tempo e de um lugar já longe da contemporaneidade. No entanto, as cartas na manga da imagem do filme não ficam por aqui. Um dos melhores momentos do filme decorre ainda no começo e é possível devido à magia incutida na tela por Deakins. Se a maior parte do filme gira em torno das desavenças e querelas entre os vários membros do gangue de James, que se vai desmoronando, o início mostra-nos *um último golpe*; o que seria o clímax de outro filme, é aqui usado como prenúncio do fim de tempos gloriosos. A cena em questão é o assalto noturno a um comboio, que Deakins filma apenas com a ajuda de lanternas de luz quente e o foco proveniente do holofote situado na frente da locomotiva, alumiano o caminho. Acentuando a escuridão em que os assaltantes e o comboio estão embutidos, o uso preciso da luz provoca tanto um elevar da tensão como um efeito resplandecente, quando o brilho passa por entre as árvores em volta. Um efeito digno de um mito do velho oeste americano; subvertido pela parca compensação monetária do assalto e pela violência seca aí usada. O resto do filme evoca os quadros de Andrew Wyeth (sobretudo cenas realistas da vida rural americana), com Dominik a evitar a representação da faceta aventureira do *western*, em favor de uma desolação que perpassa todas as personagens, salientando que os seus melhores anos já passaram e agora estão entregues à indignidade de uma subsistência periclitante e desapaixonada. Os laços de amizade coalham e dão lugar a uma desconfiança que borbulha, latente. O individualismo do pistoleiro sugere que cada homem está por sua conta neste mundo duro, especialmente quando são abandonados os códigos de honra que o rege.

O seu momento de menos glamour talvez seja quando Robert Ford parece ver Jesse James pela primeira vez, com um companheiro do bando a cuspir-lhe sem querer nas botas – um gesto que antecipa, curiosamente, o desfecho, por ser Frank, o irmão de Ford, quem o pratica. Durante alguns minutos, Jesse é um homem como todos os outros que o rodeiam, concentrado na comida em frente dos olhos e no assalto que tem em mente. Antes e depois deste momento, torna-se uma figura mitológica e romantizada, assoberbado pela desconfiança, pela depressão e por instantes de raiva.

O realizador apresenta-nos um Robert Ford enamorado por Jesse James e o filme é como o tecer de uma relação quase de amor semi-correspondido. A admiração de Robert pela aura de pistoleiro heróico sente-se pelo volume de livros de aventuras que guardou, pelas histórias que cataloga na sua memória, pela minúcia com que tenta encontrar toda e qualquer ligação entre os dois – das letras dos nomes dos irmãos às profissões dos pais. Dominik põe, até, o próprio Jesse a perguntar ao jovem admirador se ele quer ser *como ele* ou se quer ser *ele*, ficando no ar um implícito *unir-se a ele*. A rivalidade que se cria e a construção do momento de traição é fruto dessa obsessão, Robert conhece milimetricamente Jesse e este usa isso para criar condições que se revelam ideais para a consolidação da sua lenda.

Neste país ainda assolado de pistoleiros que pegam no destino pelas próprias mãos com a ambição de fazerem os seus nomes ressoar, ao som das balas, pelos corredores da história americana, Jesse e Robert cinzelam o seu melancólico lugar.

Ana Cabral Martins